

Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos

ASTROJILDO PEREIRA

São Paulo: Boitempo, Fundação Astrojildo Pereira, 2023. 280 p.

*Erick Fishuk**

Antigo militante anarquista fluminense, mais conhecido por ter sido – em março de 1922 – um dos fundadores do Partido Comunista, Seção Brasileira da Internacional Comunista (mais tarde conhecido como PCB, Partido Comunista do Brasil, que seria renomeado Partido Comunista Brasileiro em 1961 e do qual se cindiria o PC do B em 1962, que recuperaria o nome anterior), o escritor Astrojildo Pereira Duarte Silva (1890-1965) também foi um primoroso crítico literário. Primeiro secretário-geral duradouro do PCB (o inicial, Abílio de Nequete, ocupara o cargo por poucos meses), responsável por estabelecer as ligações entre os comunistas brasileiros e a Internacional Comunista (Comintern) e por apresentar o marxismo-leninismo ao ex-capitão do Exército Luiz Carlos Prestes, líder incontestado do partido de 1943 a 1980, aplicou sua perspectiva materialista e progressista à análise dos maiores clássicos da literatura brasileira.

* Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: erickfishuk@gmail.com.

Expulso do PCB em 1931 devido à queda em desgraça de sua visão, perante à URSS “stalinizada”, sobre uma revolução em que a pequena burguesia deveria se aliar à vanguarda proletária – cuja paternidade, na verdade, é de seu camarada Octávio Brandão Rego (1896-1980) –, dedicou os anos da Era Vargas, quando se afastou da atividade partidária, a um profundo estudo da obra de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), maior nome da literatura brasileira e cuja obra seria interpretada de forma diametralmente oposta pelo farmacêutico alagoano. Ativo na luta pela redemocratização do país durante a crise do nazifascismo e defensor participante das principais causas nacionais e populares, passou o resto de sua vida no PCB, que o readmitiria em 1945, ocupando funções culturais secundárias distantes das principais decisões políticas, mas não deixaria de contribuir para o crescimento intelectual do Brasil e continuaria trabalhando com o legado do “Bruxo do Cosme Velho”, cujas mãos teriam sido beijadas em seu leito de morte por um jovem Astrojildo, que o considerava seu mestre.

Obscurecidos por sua atuação como um dos fundadores do movimento comunista brasileiro – exceto em restritos círculos íntimos ou especializados –, muitos dos seus livros e textos avulsos, sobretudo artigos para periódicos, que o escritor comunista dedicou à crítica literária entre as décadas de 1940 e 1960, se tornaram hoje raridades bibliográficas. A própria biografia exaustiva de Astrojildo, se excluídos os livros de Martin Cezar Feijó e José Roberto Guedes de Oliveira – a quem tive o prazer de conhecer enquanto fazíamos pesquisas no Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp –, mais concentrados em sua trajetória político-intelectual, ainda está por se redigir. Enquanto isso, por ocasião do centenário de fundação do PCB, a Editora Boitempo presta um grande serviço ao público brasileiro relançando as principais obras de Astrojildo, agora totalmente reeditadas, providas de um erudito aparato crítico (introduções e textos de orelha) e acrescidas de alguns daqueles artigos dispersos, cujo conteúdo se relaciona ao tema principal de cada volume. Um desses livros é *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos*, originalmente publicado em 1959 e novamente provido com o informativo texto introdutório, agora atualizado, “Astrojildo: política e cultura”, que José Paulo Netto, um dos mais conhecidos historiadores marxistas sobre o comunismo no Brasil, escreveu para a edição de 1991 do mesmo livro.

Em seus sete ensaios escritos entre 1939 e 1958, Astrojildo Pereira tenta provar a seu público que Machado de Assis, como um escritor popular vindo do povo e que tinha o povo como seu principal material de trabalho, não era um intelectual alheio às inquietações de seu tempo e não produziu uma literatura escapista e isenta de tinturas políticas. Muito pelo contrário, o fundador da Academia Brasileira de Letras, dentro dos limites de sua época e de suas próprias opções de atuação pessoal – concentradas na atividade literária, e não na militância direta em movimentos partidários e contestatórios –, trouxe os temas da escravidão, do patrimonialismo político e do patriarcalismo vigente nas relações familiares e retratos psicológicos muito diversos da população da época com um perceptível

tom crítico, geralmente carregado de ironia e atento a tendências de mudanças que estavam latentes durante a crise do Segundo Império. Mesmo sem explicitar exaustivamente suas referências teóricas – ao contrário dos maçantes tratados do “diamat” comunista recheados de citações de Marx, Engels, Lenin e Stalin –, Astrojildo deixa clara sua opção pelo materialismo histórico-dialético quando insere Machado dentro de um contexto econômico, social, político e cultural mais amplo e estatui o perfeito domínio de todo esse entorno pelo romancista, numa espécie de “realismo” não imbricado à corrente de mesmo nome. Completamente o oposto do *Niilista Machado de Assis* pintado por Octávio Brandão em 1958 e ferozmente criticado pelo próprio Astrojildo.

Também não devem passar despercebidos os “apontamentos avulsos” que completam o título do *Machado de Assis* de Astrojildo, 16 textos menores tratando de pontos específicos da obra machadiana ou de personalidades e aspectos sociais ligados a ela e complementares à imagem de um legado popularmente orientado que o fundador do PCB pinta. Eles ajudam a lembrar que não se pode separar a literatura das questões maiores, candentes na sociedade que a rodeia, e que o próprio trabalho de Machado também pode constituir uma fonte primária insubstituível para o estudo da história social do reinado de Dom Pedro II e do turbulento início da República brasileira. Tal procedimento se assemelha ao de historiadores que escolheram, assim como Astrojildo Pereira, uma abordagem menos dogmática e mais abrangente do marxismo, como Sidney Chalhoub e seu clássico *Machado de Assis, historiador*. Completam o volume editado pela Boitempo, apêndices da pena de Euclides da Cunha, Rui Facó e Otto Maria Carpeaux, notáveis intelectuais que compartilhavam da mesma análise aberta do comunista, embora o autor de *Os sertões*, responsável pelo relato do beijo do jovem Astrojildo na mão do Machado moribundo, parecesse mais um marxista “em potencial” do que alguém com suposta leitura desconhecida do pensador alemão. No todo, trata-se de uma leitura fácil, agradável e instrutiva, que une o estilo fluido e envolvente do jornalista de Rio Bonito com aportes dos maiores pesquisadores de sua produção.

A reedição de *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos* é leitura obrigatória e item indispensável na estante de quem entende e estuda os fenômenos artísticos, especialmente a literatura e o romance, como inseparáveis da realidade sociopolítica em que foram gestados – nem decorrências “superestruturais” subalternas, nem forças totalmente autônomas, mas simplesmente intrincadas com o todo. Percebe-se um grande potencial para sua contribuição à popularização e perpetuação da obra de Joaquim Maria Machado de Assis, que deve constituir parte integrante do crescente esforço de elevação cultural e intelectual do Brasil, em sendo ele, como assevera Astrojildo Pereira Duarte Silva, “nosso”, “do povo”. Igualmente, vem em boa hora para que nossa esquerda progressista e democrática equilibre seu espelho em modelos externos com a assimilação das ideias do imortal que não era nem um niilista, nem um disruptivo, e sim um crítico aguçado e bem informado.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

DOSSIÊ “MARX DUZENTOS ANOS”

Relendo os *Grundrisse*

João Quartim e Pedro Leão

Os partidos políticos na Grã-Bretanha

Karl Marx

ARTIGOS

Criptomoedas

Paulo Nakatani e Gustavo Moura

Estatismo autoritário: Agamben e Poulantzas

Christos Boukalas

Burguesia interna e capitalismo dependente

Danilo Martuscelli

47